

Rezando por um milagre

A pequena Alexandra tinha cinco tumores no cérebro e um péssimo prognóstico.

POR JOHN DYSON

Pálida e confusa, Alexandra Lowe olhou tristemente para a mãe. “Mãe, estou vendo duas de você”, disse. Lindsay Lowe e o marido, Simon, olharam-se aterrorizados.

Simon, 35 anos, era dono de uma serralheria. Lindsay, aos 33, acabara de comprar um salão de cabeleireiro. Os dois filhos, Cory, de 3 anos, e Joshua, de 5, cresciam a olhos vistos. Moravam em Shevington, na Inglaterra.

Já Alex, uma menina de 8 anos, cabelos castanho-claros e sorriso fugaz, sempre fora mais frágil. Olheiras pesadas marcavam-lhe os olhos azuis, e seu nariz escorria permanentemente. Quando Lindsay perguntava aos médicos por que ela era assim, a resposta vinha em forma de antibióticos. Nas férias daquele verão, Alex pio-

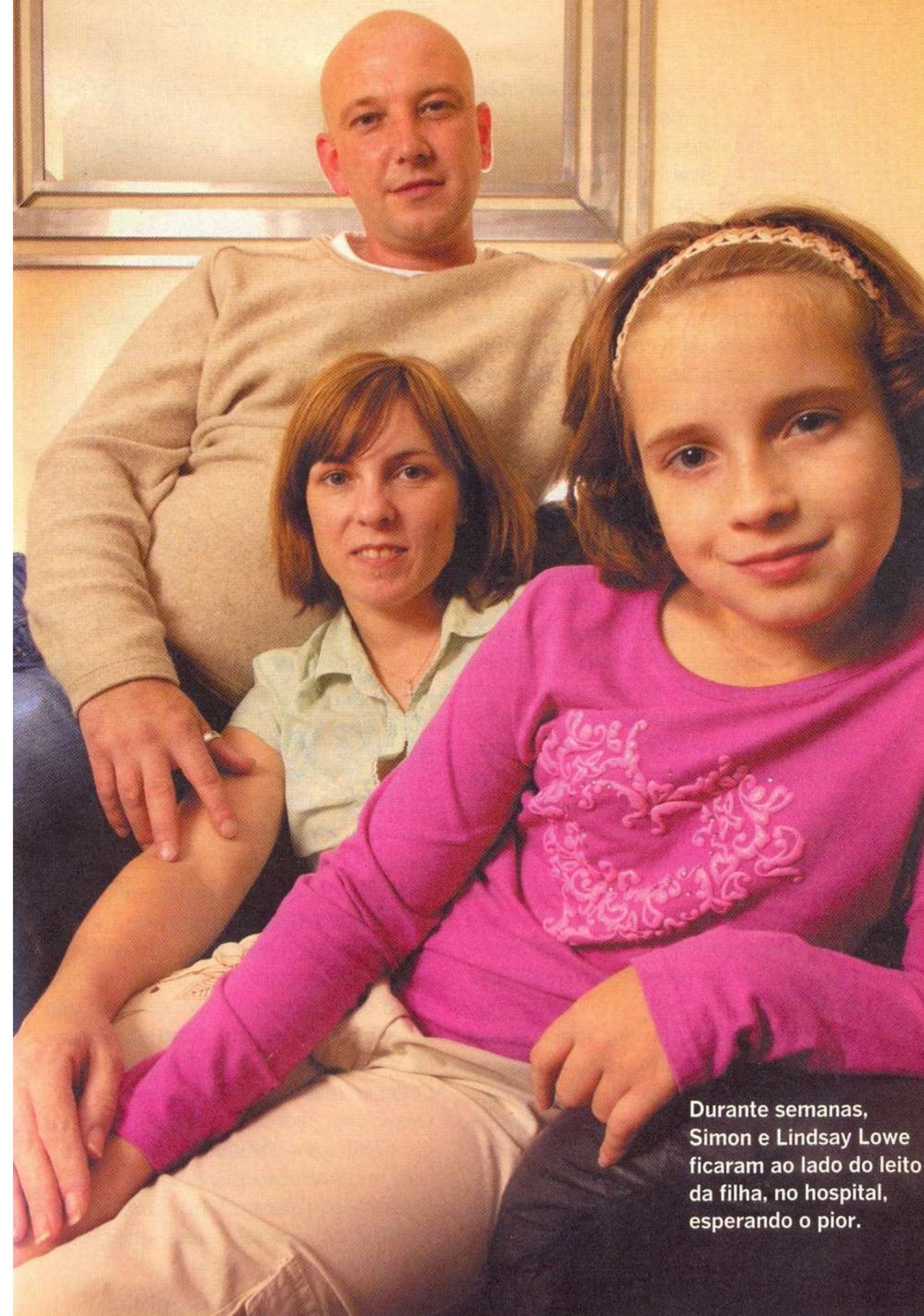
rou. Os médicos fizeram exames e advertiram:

- Os glóbulos brancos da paciente estão agindo de forma estranha; é necessário procurar um especialista.

Desde então, Alex tem entrado e saído de hospitais. Mas numa manhã de sábado, no fim de setembro de 2003, Lindsay telefonou para o hospital mais uma vez.

“Não quero saber!”, gritou. “Minha filha está enxergando imagens duplas e precisa de uma tomografia agora!”

A bronca valeu a pena. O exame foi feito. No dia 3 de outubro, Lindsay recebeu um telefonema do hospital, onde a tomografia fora feita. “Traga sua filha para cá de ambulância”, ordenaram. O pesadelo da família estava apenas começando.



Durante semanas,
Simon e Lindsay Lowe
ficaram ao lado do leito
da filha, no hospital,
esperando o pior.

ATOMOGRAFIA DE Alex mostrou vários nódulos no cérebro, e os médicos a carregaram rapidamente para a sala de cirurgia, a fim de drenar líquidos de sua cabeça.

Na UTI, Simon e Lindsay podiam apenas observar, perplexos. Uma cânula de traqueostomia fora inserida na garganta de Alex e ela não podia falar. O hematologista Robert Wynn, 40 anos, chefe da unidade de transplante de medula óssea, examinou os resultados de uma biópsia do tecido craniano de Alex. O diagnóstico era cruel: os cinco nódulos eram tumores malignos em proliferação.

O Dr. Wynn sabia que a única chance de cura seria uma quimioterapia agressiva – e, ainda assim, as toxinas lançadas no frágil corpo de Alex poderiam matá-la. A situação era ainda pior. Os exames de sangue mostravam que, por um acidente biológico raro, ela nascera com o sistema imunológico comprometido.

– Alguns de seus glóbulos brancos, dos quais todos precisamos para combater microrganismos invasores, simplesmente não existem – disse o Dr. Wynn aos desorientados pais.

– É por isso que ela tem viroses constantes – concluiu Lindsay.

Há meses, um vírus chamado Epstein-Barr (VEB) se espalhara rapidamente pelo sangue de Alex. Sem encontrar defesas, o VEB desencadeou tumores que, por estarem no cérebro, dificultavam muito a ação

da quimioterapia. A equipe médica estava preparada para o pior.

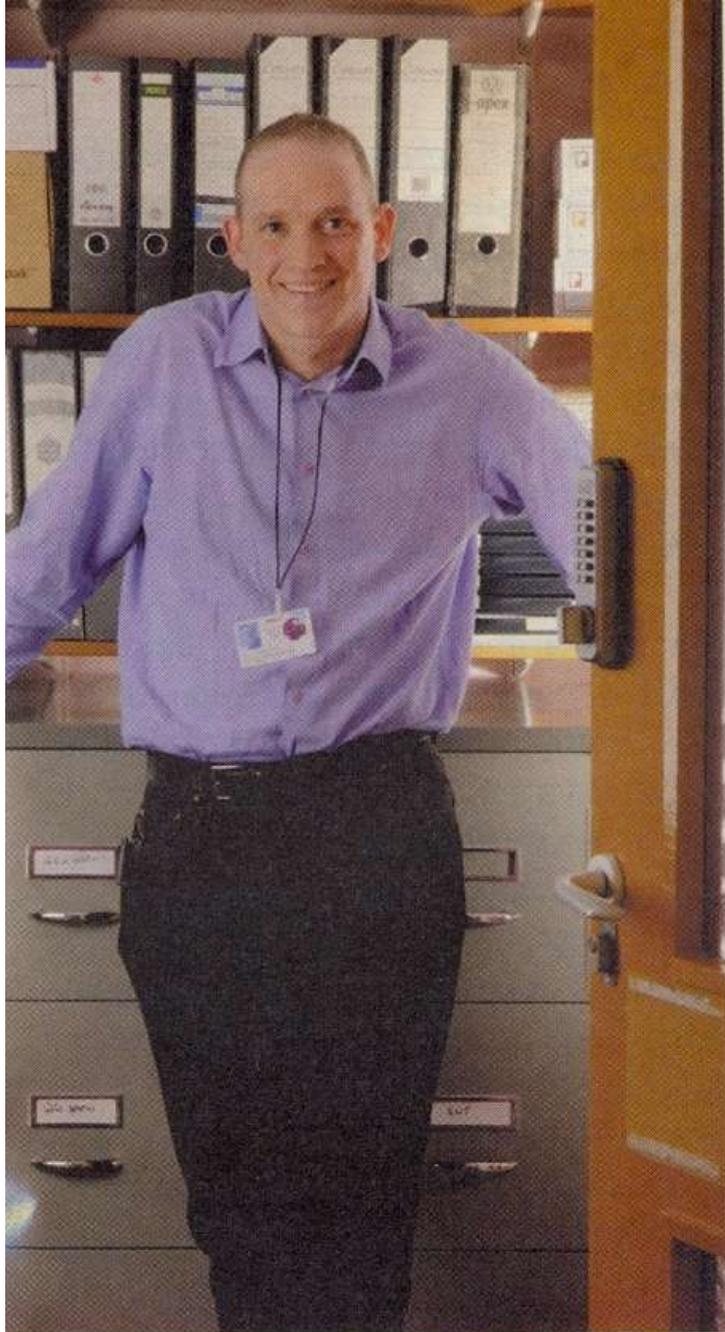
Mas o Dr. Wynn descobriu que um tratamento experimental estava sendo desenvolvido em Edimburgo. Pela Internet, perguntou a outros médicos europeus o que achavam do tratamento no caso de Alex. Todos disseram que não valia a pena arriscar.

Mesmo após três semanas de quimioterapia os tumores continuavam a crescer. Um deles envolvia a medula e pressionava a garganta de Alex. A família se reuniu na enfermaria. O Dr. Wynn detestava esses momentos. Pai de três crianças, ele sabia o impacto que as palavras teriam. “Alex tem um tumor bastante raro. É improvável que consiga superá-lo. Seus órgãos vitais estão parando. Posso apenas sugerir que aproveitem ao máximo enquanto ela está entre nós.”

Mas de volta à sua sala, o Dr. Wynn correu para o telefone, tomando uma decisão inesperada. As perspectivas de Alex não poderiam ser piores; a equipe já havia esgotado todas as possibilidades. Menos uma. O conselho dos outros especialistas era evitar o novo tratamento, que poderia provocar o aumento do volume do cérebro e matar Alex. Mas era um risco que ele teria de correr, por isso decidiu ligar para Edimburgo.

O TELEFONEMA DE Wynn pôs Dorothy Crawford, professora de Microbiologia Clínica da Universidade de Edimburgo, diante de um grande dilema.

Ela pesquisava o VEB há 30 anos e identificara seu papel no surgimento



O Dr. Robert Wynn trocou *e-mails* com especialistas de vários países na luta por salvar Alex.

de tumores malignos após transplantes – quando o sistema imunológico é neutralizado para não causar rejeição dos órgãos. Agora, em seu laboratório de pesquisa, ela e uma equipe de 12 virologistas desenvolviam uma abordagem pioneira: atacar o vírus em vez do tumor.

Nas pessoas saudáveis, em cada milhão de glóbulos brancos, ou células T assassinas, um está programado para perseguir e eliminar o VEB. A

equipe de Crawford selecionou esses predadores de VEB do sangue de doadores, multiplicou-os (aos bilhões) e criou o primeiro banco de sangue congelado do mundo composto de células T específicas contra o VEB. Durante um período de testes de cinco anos, o laboratório produziu e tornou disponíveis essas células T “padronizadas” para pacientes transplantados. Os resultados foram animadores. Mas Alex não passara por nenhum transplante, e o seu caso não se encaixava nos limites da experiência de Crawford.

– Se você tiver a permissão do conselho de ética e o consentimento dos pais, posso tornar as células disponíveis por questão humanitária – disse Crawford para Wynn. – Mas esse tratamento nunca foi experimentado no cérebro. Você deve estar ciente dos riscos.

– Nada poderá deixá-la pior do que está agora – argumentou o médico.

No dia seguinte, uma amostra do sangue de Alex chegou em Edimburgo. Os técnicos descongelaram as células T assassinas que combinavam com o tipo de tecido de Alex e as compararam com as células do seu sangue para garantir a compatibilidade. Esse teste levaria mais cinco dias. Dr. Wynn reuniu a família e descreveu o processo:

– O tratamento com células T não é uma cura milagrosa e nunca foi experimentado nesse caso – advertiu.

ALEX ESTAVA em coma profundo, com espasmos que lhe deixavam manchas

roxas nos membros paralisados. Vomitava constantemente e tinha incontinência urinária. Um tubo ligado ao tórax fornecia medicamentos, solução salina, alimentação líquida e morfina. A garganta estava comprimida pelo tumor, e um aparelho a ajudava a respirar. Alex precisava sobreviver até o tratamento começar. Mas o pior ainda estava por vir.

Antecipando-se, os médicos providenciavam o transplante de medula de que Alex precisaria para restaurar seu sistema imunológico. Cada membro da família foi testado, e uma combinação perfeita encontrada – perfeita até demais. Cory, o irmão mais novo, tinha a mesma deficiência imunológica. Até então, não havia sido afetado, mas logo o VEB poderia atacar seu corpo.

Lindsay, então, se desesperou. Simon abraçou-a fortemente:

– Mais alguns dias de sol, e nossa Alex irá florescer. Acredite em mim, eu sei!

EM 20 DE novembro, Lindsay estava sentada ao lado de sua debilitada menininha quando um pesquisador surgiu carregando um sachê com um líquido branco. Vindo de avião de Edimburgo, continha bilhões de células T programadas para atacar o VEB no corpo de Alex. Para Lindsay, parecia incrível que os sedimentos que fluíam ali fossem tudo o que separava sua filha da morte.

O sachê foi conectado ao tubo ligado ao tórax da menina, e as primeiras células T assassinas foram introduzidas em sua corrente sanguínea. Imediatamente, elas foram à luta. “Farejando” o vírus inimigo por meio de sinais moleculares, elas foram direto até o cérebro de Alex.

Como se estivesse em um combate, cada célula rastreava um vírus, atacava-o e em seguida o deixava morrer, partindo à procura de outros. Não havia sinal externo da batalha que estava sendo travada no corpo de Alex. A família podia apenas observar e esperar.

Uma semana depois, foi feita a segunda aplicação. No dia seguinte, Alex teve duas convulsões muito fortes. “Ela está mal; acho que o fim chegou”, disse a enfermeira a Simon e Lindsay. Pela manhã, Alex ainda estava lá, lutando.

Outra semana se passou. O Dr. Wynn e a equipe médica decidiram dar a Alex a terceira infusão, mas advertiram os pais de que não criassem falsas esperanças. Naquela noite, as enfermeiras desligaram os monitores, com suas luzes e bipes, para dar paz a Simon e Lindsay, sentados ao lado da filha moribunda. Alex já estava inconsciente há 60 dias. Ela sofria com as convulsões, e um médico avisou que sua morte, quando ocorresse, poderia ser algo terrível de se presenciar. Mas eles permaneceram ali.

– Levará algumas horas no máximo – sussurrou uma enfermeira para Lindsay. – Quando ela se for, vamos limpá-la e vesti-la com belas roupas.

Enquanto o amanhecer despontava em 11 de dezembro, os pais exauridos perceberam algo estranho. O corpo franzino de Alex estava mais calmo. As enfermeiras que chegavam para ligar os aparelhos e verificar os sinais vitais ficaram animadas. Trocaram um dos monitores, caso estivesse funcionando mal. Os médicos chegavam e partiam surpresos.

Então o milagre aconteceu: ela abriu os olhos.

ALEX, PORÉM, estava com uma aparência horrível. Os cabelos caíam aos tufos, e o olhar era vazio. Os braços e pernas pareciam gravetos, e ela não tinha nenhum controle sobre o corpo. Mas nada disso importava quando um enfermeiro saiu correndo da sala onde ela fazia uma tomografia. Ele disse, entusiasmado: “Não estou autorizado a falar, mas os tumores praticamente desapareceram.”

No início de fevereiro, dias depois do nono aniversário de Alex, Simon entrou pela porta da frente carregando um precioso conjunto de pele e

ossos. Alex estava de volta. Ele fechou a serralheria para cuidar 24 horas da filha. Certo dia, às 4 da manhã, ela pulou da cama. “O que você está fazendo, minha querida?”, o pai perguntou. “Vou andar”, respondeu ela.

Naquele dia, com os pés em cima dos de Simon, ela “andou” pelo corredor. No dia seguinte, conseguiu dar mais dois passos. Depois, três. Ao chegar do trabalho, Lindsay viu uma carinha de lado, espiando pela porta. “Oi, mãe!”, disse Alex, cambaleando em direção a seus braços. No hospital, Alex se esforçou para abandonar a cadeira de rodas e entrou andando no consultório do Dr. Wynn. Sorrindo, ele pulou da cadeira e a abraçou: “Meu milagre de garota!”

Pouco tempo depois, Alex fez um transplante de medula. Em setembro de 2004, ela retomou os estudos e entrou para o time de basquete da escola. “Hoje, Alex fica boa de uma gripe mais rápido que nós”, diz Simon, que agora trabalha cuidando de crianças deficientes.

Cory fez imunoterapia para controlar o VEB e, quando mais velho, se precisar de um transplante de medula, Alex talvez seja a doadora.

VOCÊ NÃO TEM IDADE PARA ISSO!

Quando eu era criança, minha mãe arrumava a mesa e dizia:

- O bife maior é do seu pai, porque ele trabalha.

Quando eu for pai será a minha vez, pensava eu.

Agora que já sou pai, minha mulher põe a mesa e, quando vou pegar o bife maior, levo uma colherada e uma bronca:

- Deixe o bife maior para o Júnior, porque ele está em fase de crescimento!

EMILIANO JOSÉ, São Paulo (SP)